

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA**

MARIA NATÁLHA GOMES DA SILVA

**INICIAÇÃO AO GOALBALL PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL:
sistematizações a partir de um Projeto de Extensão**

Maceió

2020

MARIA NATÁLHA GOMES DA SILVA

**INICIAÇÃO AO GOALBALL PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL:
sistematizações a partir de um Projeto de Extensão**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada em Educação Física pelo Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Profa. Titular Neiza de Lourdes Frederico Fumes

Maceió

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586i Silva, Maria Natália Gomes da.
Iniciação ao *goalball* para estudantes com deficiência visual :
sistematizações a partir de um projeto de extensão / Maria Natália Gomes da
Silva. – 2020.
43 f. : il.

Orientadora: Neiza de Lourdes Frederico Fumes.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em educação física) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Educação Física e Esporte.
Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 38-43.

1. Extensão universitária. 2. Educação física. 3. Esportes para pessoas com
deficiência visual. 4. *Goalball*. I. Título.

CDU: 796.034-056.262

Folha de Aprovação

MARIA NATÁLHA GOMES DA SILVA

INICIAÇÃO AO GOALBALL PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: sistematizações a partir de um Projeto de Extensão

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada em Educação Física pelo Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 05 de Outubro de 2020.

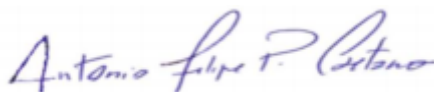


(Profa. Titular Neiza de Lourdes Frederico Fumes, UFAL) (Orientadora)

Banca Examinadora:



(Prof. Ms. Adilson Rocha Ferreira, SEDUC/AL) (Examinador Externo)



(Prof. Dr. Antonio Filipe Pereira Caetano, UFAL) (Examinador Interno)

À minha tia Dé linda (*in memoriam*), quem primeiro me apoiou na troca dos cursos de Enfermagem para Educação Física. “É o que vai te fazer feliz? Então, vai simhora”. Desde então eu tenho sido imensamente feliz, não só por mim, por nós duas, minha tia linda. Te amo até depois do fim.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus por me conceder o dom da vida e me direcionar para caminhos bons e felizes. Por me dar forças para suportar dias difíceis e por cultivar em meu coração a certeza de que ao final tudo valeria à pena. Viver é de fato um dom divino.

Aos meus pais lindos, Kátia e Juraci (Bola), que me possibilitaram o privilégio de dedicação exclusiva aos estudos, sendo o alicerce por vezes financeiro, e sempre de amor e carinho. Muito obrigada, meus pais lindos e queridos, por serem exatamente tudo o que preciso, sem vocês eu não seria eu. Amo-os tanto que nem sei.

Ao meu digníssimo esposo, Renato (Tinho), que sempre foi o meu refúgio e principal incentivador, quem me socorria em dias difíceis e dava colo. Quem sempre acreditou em mim e me lembra diariamente de que sou capaz. Nessa nossa pouca vida já partilhamos muitos momentos, tantos trabalhos, mas o nosso projeto mais lindo é de fato a família que estamos construindo. Amo você marido e amo o que somos juntos.

À minha irmã, Natally, que se tornou minha cúmplice e juntas descobrimos um amor imensurável uma pela outra, que rende sempre boas risadas e momentos bobos. A que lavou todos “os pratos da noite” em dias que eu estava exausta estudando para provas e/ou apresentações. A minha querida irmã mais nova, que aparenta ser a mais velha, que esteve junto comigo durante toda essa jornada que é a vida, fazendo com que tudo seja mais leve, sem complicações. Eu te amo, coisinha.

Aos meus familiares que mesmo sem entender ao certo muitas das minhas empolgações advindas de conquistas acadêmicas, vibravam junto comigo com os olhos brilhando de orgulho.

Aos meus amigos de turma, que são tão poucos que se pode contar com os dedos das mãos, os sobreviventes como nos autodenominamos, que me ensinaram muito nesses quase 04 anos de curso. Costumo dizer que muito da profissional que tenho me tornado é reflexo das nossas relações. Obrigada por fazerem desse processo dias bons, vocês são a minha UFAL todinha.

À querida professora Neiza, que me confiou uma bolsa de Iniciação Científica logo no meu primeiro período de curso. A pessoa que acreditou em mim antes de eu mesma saber que era capaz. Com ela pude imergir ainda mais na Atividade Física Adaptada com todas as suas diversidades, por meio dela fui ampliando minhas percepções sobre a vida acadêmica, ao

aprender com ela atribuí novos sentidos ao meu “ser professora”. Agradeço pela orientação do presente trabalho e por tantas outras, agradeço por nossa relação transcender as paredes da salinha e da própria UFAL.

Ao professor e amigo Adilson, a quem eu tive a oportunidade de conhecer e compartilhar de grandes momentos de aprendizados. Quem pra mim hoje é uma das grandes referências na carreira acadêmica. É um prazer enorme tê-lo como componente da banca, participando de um momento tão importante da minha vida, como mesmo enfatizou quando o fiz o convite. À você Adilson, meu carinho e admiração.

Ao professor Filipe, por aceitar participar desta banca examinadora, pela avaliação e contribuições que fará ao meu trabalho, assim como por todos os aprendizados obtidos por meio das aulas. Serei imensamente grata por toda sua paciência em aulas práticas, ao me ajudar a executar o saque do vôlei de forma menos vergonhosa, já que não conseguia executar na técnica, obrigada ainda por vibrar junto comigo a cada vez que a bola passava pela rede.

Aos professores do curso de Educação Física – Licenciatura, que desde o início me acolheram tão bem e de forma ímpar. Tenho certeza que na minha atuação carrego um pouco de cada um. O carinho e respeito que tenho por cada um de vocês perpetuará até o fim dos meus dias. Desde já, saudosa estou.

À todes que direta e indiretamente contribuíram para a construção desse trabalho e para a minha formação em Educação Física. Vocês sempre fizeram com que eu me sentisse muito querida.

E um grande viva ao que fomos, ao que somos e a tudo que ainda podemos ser!

Apenas viva bem. Apenas viva.

(JOJO MOYES)

RESUMO

O presente estudo buscou descrever as ações de um projeto de extensão relacionadas à prática de goalball para estudantes com deficiência visual, ao mesmo tempo em que almejou apresentar uma proposta de iniciação a essa modalidade. Trata-se de um relato de experiência de um projeto de extensão, o qual teve duração de um ano e foi realizado com estudantes com deficiência visual de um centro educacional especializado de uma capital do Nordeste Brasileiro. O referido projeto teve como finalidades analisar o impacto da prática do goalball nos aspectos físico-motor, qualidade de vida e dimensão subjetiva de estudantes com deficiência visual, do mesmo modo que objetivou fortalecer o processo formativo inicial de graduandos em Educação Física. A implementação da proposta de iniciação teve início com o reconhecimento da realidade local e a avaliação diagnóstica dos estudantes, as quais possibilitaram a identificação do contexto de intervenção e das características dos estudantes em relação às capacidades físicas e às habilidades motoras referentes ao goalball, assim como a qualidade de vida e às significações acerca da deficiência e da prática de goalball. A partir disso, foi possível elaborar uma proposta de sistematização para a iniciação ao goalball a ser implementada no projeto, que se concretizou por meio de 12 aulas, abarcando os conteúdos de Orientação e Mobilidade e reconhecimento do espaço de jogo (aula 01), imagem corporal e percepção sensorial (aula 02), regras e princípios da modalidade (aulas 03 e 04), capacidades físicas (aulas 05 e 06), habilidades motoras e fundamentos da modalidade (aulas 07 e 08), ações táticas (aulas 09 e 10) e festival de goalball (aulas 11 e 12). Posteriormente, na etapa de reavaliação buscou-se reaplicar os protocolos de avaliação inicial para verificar os desdobramentos da proposta de iniciação nas variáveis obtidas na avaliação diagnóstica. Além disso, ao final do projeto, os monitores retornaram ao centro educacional especializado com os dados obtidos nas avaliações, apresentando aos estudantes cada ponto, bem como os meios pelos quais manter e/ou evoluir esses aspectos. Também foi possível articular a tríade que baliza o processo formativo na Educação Superior (ensino, pesquisa e extensão) por meio do projeto. Com base nesse contexto, destaca-se que o projeto de extensão de iniciação ao goalball para estudantes com deficiência visual conseguiu atingir seus objetivos, possibilitando uma prática da modalidade orientada, que desencadeou benefícios nos aspectos avaliados nesse público. Além do mais, tendo em vista a insuficiência de oportunidades de contato com o público com deficiência no ambiente universitário, as atividades extensionistas, como o projeto em questão, surgem como um dos meios de fortalecer o processo formativo inicial de graduandos de Educação Física para a atuação com as pessoas com deficiência em diferentes contextos educativos.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Educação Física. Esporte Adaptado. Goalball. Deficiência Visual.

ABSTRACT

The present study sought to describe the actions of an extension project related to the practice of goalball for students with visual disabilities while aiming to present an initiation proposal to this modality. This is an experience report of an extension project. The extension project lasted for one year and was carried out with students with visual disabilities from a specialized educational center in a capital of Northeastern Brazil. The purpose of this project was to analyze the impact of the practice of goalball on the physical-motor, quality of life, and subjective aspects of students with visual disabilities, and it aimed to strengthen the initial formative process of undergraduate students in Physical Education area. The implementation of the initiation proposal started with the recognition of the local reality and the diagnostic evaluation of the students, which made it possible to identify the context of intervention and the characteristics of the students about physical and motor skills related to goalball, as well as the quality of life and the meanings about disability and the practice of goalball. Based on that, it was possible to elaborate a systematization proposal for the initiation of goalball to be implemented in the project, which took place through 12 classes, covering the contents of Orientation and Mobility and recognition of the game space (class 01), body image and sensory perception (class 02), rules and principles of the modality (classes 03 and 04), physical abilities (classes 05 and 06), motor skills and fundamentals of goalball (classes 07 and 08), tactical actions (classes 09 and 10)) and goalball festival (classes 11 and 12). Afterward, in the reassessment phase, it was sought to reapply the initial evaluation protocols to verify the developments of the initiation proposal in the variables obtained in the diagnostic evaluation. Besides, at the end of the project, the monitors returned to the specialized educational center with the data obtained in the evaluations and they presented them for the students with each point, as well as they shown guidelines to maintain them. It was also possible to articulate the triad that guides the formative process in Higher Education (teaching, research, and extension) through the project. Based on this context, it is noteworthy that the goalball initiation extension project for students with visual disabilities managed to achieve their goals, enabling the practice of the oriented modality, and that triggered benefits in the aspects evaluated in this public. Furthermore, because of the insufficient opportunities for contact with the people with disabilities in the college environment, the extension activities, such as this project, appear as one of the means of strengthening the initial formative process of undergraduate Physical Education students for acting with people with disabilities in different educational contexts.

Keywords: College Extension. Physical Education. Adapted Sports. Goalball Visual Disability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema do Teste de Agilidade de Goalball	22
Figura 2 - Arremesso Frontal com Progressão	29
Figura 3 - Arremesso por Baixo das Pernas	29
Figura 4 - Arremesso com Giro	30
Figura 5 - Posições de Expectativa em Pé, Agachada e Ajoelhada com a Perna Lateralizada (Respectivamente)	30
Figura 6 - Sem Deslocamento do Corpo e Deslocamento Lateral com Impulsão da Perna (Respectivamente)	31
Figura 7 - Posição de Impacto Deitada	31
Figura 8 - Sistema de Defesa Fixa Simples.....	32
Figura 9 - Estratégia de Direcionamento dos Arremessos	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. MATERIAIS E MÉTODO	14
2.1. Caracterização do Estudo.....	14
2.2. Apresentação das Etapas do Projeto de Extensão em Questão	14
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
3.1. Reconhecimento da Realidade Local.....	17
3.2. Avaliação Diagnóstica	18
3.2.1. Físico-Motora	19
3.2.2. Qualidade de Vida	22
3.2.3. Dimensão Subjetiva dos Estudantes	23
3.3. Proposta de Iniciação ao Goalball	24
3.4. Reavaliação	33
3.5. Devolutiva para os Estudantes.....	34
3.6. Produções Acadêmico-Científicas.....	34
3.7. Reflexões Acerca da Extensão Universitária no Processo Formativo Inicial em Educação Física.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

O esporte adaptado (EA) é entendido como um fenômeno complexo, uma vez que abarca a relação desenvolvida pela pessoa com deficiência com os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e específicos de cada modalidade (COSTA E SILVA *et al*, 2013), muito embora não deva ser reduzido somente a esses componentes. Além disso, o EA foi concebido com o intuito da reabilitação, auxiliando no processo terapêutico de soldados lesionados no período de guerra, sendo criadas, posteriormente, as finalidades pedagógica, recreativa e competitiva (MUNSTER; ALMEIDA, 2010). Os esportes adaptados podem ser compreendidos como modalidades modificadas, em que são executadas adaptações nas variáveis das práticas esportivas convencionais, e/ou criadas para atender as especificidades das pessoas com deficiência (WINNICK, 2004).

Dentre esses, o goalball se configura como um esporte criado para o público com deficiência visual, com sua idealização ocorrendo na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial (MUNSTER *et al*, 2008; TOSIM *et al*, 2008). É caracterizado como um esporte de oposição sem invasão territorial, em que uma equipe de 03 (três) atletas efetua lançamentos manuais da bola em direção ao alvo adversário na tentativa de marcar gols, ao mesmo tempo em que os 03 (três) oponentes utilizam toda sua extensão corporal para impedir o progresso da bola (MORATO, 2012).

Na capital nordestina em que o projeto de extensão foi realizado, a prática de goalball por estudantes com deficiência visual, assim como a implementação do esporte adaptado em geral, têm seu desdobramento ligado às instituições especializadas e filantrópicas, principalmente pela escassez de políticas públicas destinadas às pessoas com deficiência (MELO; FUMES, 2013).

Nesse cenário, pelas ações de goalball serem desenvolvidas unicamente por um centro especializado para as pessoas com deficiência visual, a consolidação da modalidade tem encontrado dificuldades. Sendo assim, ainda é necessária a criação de outros espaços que proporcionem uma prática mais efetiva e direcionada para os estudantes com deficiência visual, visando desenvolver os indivíduos em diferentes aspectos.

Considerando essa perspectiva, bem como o papel da universidade na formação de novas gerações de profissionais, surgiu a necessidade de se criar um projeto de extensão voltado à iniciação do goalball com a finalidade de, além da citada anteriormente, promover atividades que visassem o fortalecimento do processo formativo de estudantes de graduação nas questões relativas à deficiência, considerando que essa temática é discutida de modo

incipiente nos currículos de formação inicial, sobretudo quando se refere ao esporte adaptado (PEDRINELLI; VERENGUER, 2013).

Desse modo, o referido projeto de extensão buscou, por meio da prática de goalball, analisar o impacto dessa modalidade esportiva adaptada em estudantes com deficiência visual nos seguintes aspectos: 1) **físico-motor**, relacionado à avaliação das habilidades motoras específicas do goalball e às capacidades físicas inerentes a sua prática; 2) **qualidade de vida**, referente às autopercepções de saúde, bem como a influência da prática esportiva adaptada na qualidade de vida; e 3) **dimensão subjetiva**, direcionada a apreender as significações acerca da deficiência e da prática de goalball.

Sendo assim, o trabalho em questão tem como objetivo geral: descrever as ações de um projeto de extensão relacionadas à prática de goalball para estudantes com deficiência visual, ao mesmo tempo em que almejou apresentar uma proposta de iniciação a essa modalidade que pudesse posteriormente ser utilizada em outras oportunidades por profissionais da área.

2. MATERIAIS E MÉTODO

2.1. Caracterização do Estudo:

Este estudo refere-se a um relato de experiência, sendo este entendido por Fortunato (2018) como um método de pesquisa em Educação que adota uma forma ímpar de se produzir o conhecimento. Para o mesmo autor, esse método vai além da simples descrição dos acontecimentos, necessitando-se qualificar as ações e sequenciá-las até a conclusão da experiência. Além disso, Nascimento (2016) afirma que, por meio do relato de experiência, busca-se colaborar com o desenvolvimento de atividades futuras em um mesmo contexto de atuação.

2.2. Apresentação das Etapas do Projeto de Extensão em Questão:

O projeto foi realizado com estudantes de um centro educacional especializado para pessoas com deficiência visual de uma capital do Nordeste brasileiro, no decorrer de um ano (agosto de 2016 – 2017). Também se destaca que o projeto tinha sido aprovado em um edital específico da pró-reitoria de extensão da instituição.

O planejamento e a execução das etapas do projeto de extensão foram desenvolvidos a partir da ação de um grupo de estudos e extensão voltado para a Atividade Física Adaptada. Tal grupo foi composto por 08 (oito) estudantes de graduação em Educação Física de uma universidade pública nordestina, que atuaram como monitores (03 bolsistas e 05

colaboradores, vinculados ao edital da pró-reitoria de extensão), além de 01 (um) estudante de pós-graduação (mestrado) e 01 (uma) docente com experiência na temática da Atividade Física Adaptada, que orientou e coordenou as ações propostas e desenvolvidas no projeto. É importante destacar que a autora do presente trabalho participou do projeto de extensão na função de monitora colaboradora.

Participaram do projeto de extensão, na modalidade de participantes, de modo regular (75% de assiduidade em todas as etapas do projeto), 17 (dezesete) estudantes com deficiência visual praticantes de goalball do centro educacional especializado, os quais estavam também matriculados na Educação Básica ou na Educação Superior. Para serem incluídos no projeto de extensão, os estudantes com deficiência visual precisaram concordar com os termos gerais da ação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE ou do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE.

Desse modo, os participantes do projeto foram caracterizados considerando gênero, idade, comprometimento, manifestação da deficiência e experiência no goalball, tais pontos podem ser observados no quadro 01. Assim, dentre os 17 (dezesete) participantes, 11 (onze) eram do gênero masculino e 06 (seis) do gênero feminino, com faixa etária entre 14 (quatorze) e 55 (cinquenta e cinco) anos de idade. A média etária era de 32,76 anos (desvio padrão de $\pm 13,86$ anos).

Em relação ao comprometimento, 12 (doze) participantes tinham cegueira e 05 (cinco) apresentavam baixa visão. Dos estudantes com cegueira, 05 (cinco) nasceram com a deficiência e 07 (sete) adquiriram no decorrer da vida. Já no caso dos estudantes com baixa visão, 02 (dois) tiveram manifestação da deficiência visual adquirida e 03 (três) de modo congênito.

No tocante à experiência no goalball, 06 (seis) estudantes não tinham contato prévio com a modalidade, enquanto 11 (onze) já haviam vivenciado o goalball anteriormente.

Quadro 01 – Caracterização dos Estudantes

Estudante	Gênero	Idade	Comprometimento	Manifestação	Experiência no Goalball
01	Feminino	20	Cegueira	Congênita	Não
02	Feminino	47	Cegueira	Adquirida	Não
03	Masculino	44	Cegueira	Adquirida	Não
04	Masculino	29	Cegueira	Adquirida	Sim
05	Masculino	26	Baixa Visão	Congênita	Sim
06	Masculino	24	Cegueira	Adquirida	Sim
07	Masculino	17	Cegueira	Congênita	Sim
08	Feminino	55	Cegueira	Congênita	Não
09	Masculino	54	Cegueira	Adquirida	Sim

10	Masculino	19	Cegueira	Congênita	Sim
11	Masculino	20	Baixa Visão	Congênita	Sim
12	Feminino	35	Baixa Visão	Congênita	Sim
13	Feminino	48	Cegueira	Adquirida	Sim
14	Masculino	24	Cegueira	Congênita	Não
15	Feminino	48	Cegueira	Adquirida	Sim
16	Masculino	14	Baixa Visão	Adquirida	Não
17	Masculino	33	Baixa Visão	Adquirida	Sim

Fonte: Autoria Própria (2020).

O projeto de extensão de goalball foi organizado nas seguintes etapas:

- 1) **reconhecimento da realidade local** - buscou entender o contexto em que os estudantes com deficiência visual estavam inseridos;
- 2) **avaliação diagnóstica** - com a utilização de instrumentos, especificamente uma bateria de testes motores, um questionário e uma entrevista semiestruturada, para a identificação das características do grupo de estudantes com deficiência visual nos aspectos físico-motor, da qualidade de vida e dimensão subjetiva, respectivamente;
- 3) **proposta de iniciação ao goalball** - referente à proposição e aplicação das aulas práticas do projeto de extensão, as quais foram elaboradas a partir dos resultados obtidos na avaliação diagnóstica e no reconhecimento da realidade local, a fim de suprir os déficits nas capacidades físicas e habilidades motoras encontrados na realização da prática esportiva adaptada;
- 4) **reavaliação** - verificação dos resultados da prática de goalball nos aspectos avaliados inicialmente;
- 5) **devolutiva para os estudantes** - apresentação individual do desempenho e dos resultados das avaliações para os estudantes com deficiência visual; e
- 6) **produções acadêmico-científicas** - produções/publicações advindas da participação dos monitores no projeto de extensão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Importante destacar que o presente estudo não tem como objetivo apresentar e discutir os resultados alcançados por meio dos testes, questionário e entrevista desenvolvidos no decorrer do projeto de extensão, mas sim, descrever suas ações relacionadas à análise da prática de goalball em estudantes com deficiência visual, bem como apresentar uma proposta de iniciação ao goalball para esse público. Além disso, buscou-se apresentar reflexões acerca da extensão universitária em esporte adaptado no processo formativo inicial em Educação Física.

Os resultados das diferentes etapas e instrumentos foram e/ou serão discutidos em artigos específicos, os quais foram e/ou serão apresentados em congressos acadêmicos e/ou publicados em revistas especializadas.

Nesse sentido, serão detalhadas as etapas do projeto de extensão mencionadas anteriormente.

3.1. Reconhecimento da Realidade Local:

Esta primeira etapa do projeto de extensão teve como intuito conhecer o contexto em que os estudantes com deficiência visual estavam inseridos, do mesmo modo que objetivou apresentar as ações do grupo de estudos no centro educacional especializado.

No que se refere ao contexto, o centro educacional especializado para pessoas com deficiência visual oferecia Atendimento Educacional Especializado, além de serviços de apoio à inclusão para os estudantes nas escolas regulares, bem como cursos de capacitação para professores das redes municipal e estadual de ensino (PAVEZI; MAINARDES, 2019). Para além disso, ofertava-se a Educação Física em 02 (dois) segmentos: um direcionado para a Educação Física Escolar (ALAGOAS, 2020) e outro para a prática esportiva adaptada, especificamente o goalball e o judô (MELO; FUMES, 2013). Destaca-se que o professor de Educação Física do centro especializado não era o mesmo que desenvolvia a modalidade de goalball.

O goalball tinha suas atividades realizadas 02 (duas) vezes por semana em um local externo ao centro e apresentava duração de 02 (duas) horas por treinamento com fins competitivos. Seu desenvolvimento era gerido por uma associação atlética direcionada aos esportes adaptados, a qual tinha uma parceria com o centro educacional especializado.

Em relação às ações do grupo de estudos, inicialmente, os monitores foram ao centro educacional especializado com o objetivo de conhecer o espaço físico para a realização das atividades e as pessoas com deficiência visual atendidas nesse local. Em seguida, o grupo identificou e reuniu os estudantes que já praticavam o goalball, assim como aqueles que tinham interesse em praticá-lo, apresentando o projeto de extensão, seus objetivos e funcionamento geral.

A partir disso, os estudantes que se dispuseram a participar do projeto foram informados sobre os detalhes dele por meio do TCLE ou do TALE. Vale ressaltar que o TCLE/TALE foi apresentado de 02 (dois) modos: 1) **impressão em tinta**, em que foi realizada a leitura integral do documento, para que posteriormente, em caso de concordância, o estudante com deficiência visual pudesse assinar no campo demarcado; ou 2) **impressão em**

Braille, em que o estudante fez a leitura das informações referentes ao projeto no TCLE/TALE e em seguida, assinou o documento.

Destaca-se que, no caso de estudantes com idade inferior a 18 (dezoito) anos, além do seu assentimento para a participação no projeto, fez-se necessária a concordância de um dos responsáveis, o qual a expressou por meio da assinatura do TCLE.

Diante do exposto, verificou-se que o espaço físico do centro não dispunha de condições suficientes para a realização das atividades práticas de goalball, assim como para a aplicação de alguns testes físico-motores. Com isso, os monitores do projeto foram em busca de um espaço que comportasse as ações da modalidade e respeitasse a logística de transporte do centro especializado, o que justificou a inviabilidade dos espaços da universidade como locais de intervenção, tendo em vista a distância acentuada entre a instituição de Educação Superior e o centro especializado.

Desse modo, firmou-se uma parceria com uma escola da rede pública da capital nordestina em que o projeto de extensão foi inserido, a qual cedeu o ginásio para a concretização das atividades práticas do projeto. Com isso, levando em conta a disponibilidade dos estudantes e do espaço físico da escola para o desenvolvimento das ações, definiu-se um dia da semana (sexta-feira) para os encontros. Esses momentos tinham duração média de 2h30min, muito embora os monitores tivessem que comparecer 01 (uma) hora antes do encontro, considerando a necessidade de organização do espaço, seja pela demarcação tátil da quadra de jogo e ainda pela eliminação das barreiras físicas que pudessem interferir no deslocamento dos estudantes com deficiência visual no ginásio. Da mesma forma, os monitores finalizavam as ações até 01 (uma) hora após a saída dos estudantes com deficiência visual, tendo em vista a reorganização do espaço da escola para as aulas de Educação Física que aconteciam ao final das atividades do projeto.

3.2. Avaliação Diagnóstica:

A avaliação é compreendida como um processo complexo de julgamento da medida, em que os dados obtidos por meio de um teste, instrumento e/ou procedimento (GUEDES; GUEDES, 2006) são utilizados para tomar decisões importantes sobre os indivíduos (GORLA; CAMPOS, 2013). Esse processo de avaliação se configura como relevante no contexto da Educação Física pela necessidade de se analisar a eficiência da aplicação de estratégias de ensino, podendo ser utilizado antes ou ao início de um programa de intervenção (diagnóstica), durante (formativa) ou depois (somativa) (MAUERBERG-deCASTRO, 2011).

Nessa perspectiva, a avaliação diagnóstica é definida por Gorla *et al* (2009a, p. 54) como aquela que é “realizada no início de um programa e ajuda o profissional a calcular as necessidades dos indivíduos e a elaborar suas intervenções e seu planejamento”. Isto é, busca identificar a condição inicial do grupo ou do indivíduo a quem se deseja avaliar em determinadas variáveis. Essa avaliação tem caráter fundamental para direcionar a elaboração das metas do programa de ensino ou intervenção (GORLA *et al*, 2009a; GORLA; CAMPOS, 2013), de modo a obter subsídios para a prescrição das atividades (GORLA; CAMPOS, 2013).

No projeto em questão, os monitores (bolsistas e colaboradores) foram divididos em grupos menores para realizar a coleta dos dados referente aos aspectos avaliativos, sendo eles: físico-motor, qualidade de vida e dimensão subjetiva.

3.2.1. Físico-Motora:

As medidas e as avaliações desse aspecto foram subdivididas em 03 (três) partes: 1) **anamnese**, 2) **habilidades motoras** e 3) **capacidades físicas**.

A **anamnese** utilizada foi uma adaptação do modelo elaborado pelo *Projeto de Atividades Físicas, Esportivas e de Lazer Adaptadas a pessoas com deficiência* (PROAFA/UFSCar) para a realidade local e para o público com deficiência visual. Teve o intuito de caracterizar os participantes, especificamente em relação às dimensões da deficiência e da prática de atividades físico-esportivas. Um dos monitores foi designado para administrar as anamneses para os estudantes com deficiência visual. Todos os pontos foram lidos integralmente pelo monitor para que os estudantes pudessem responder.

Por meio da anamnese foi possível identificar sobre o comprometimento, manifestação e causa da deficiência, bem como sobre as percepções sensoriais, experiências motoras, frequência de prática de atividades físico-esportivas e de goalball, independência ao se locomover e alguns aspectos relacionados à presença ou não de enfermidades.

Já as **habilidades motoras** testadas foram o arremesso (GORLA *et al*, 2009b) e a ação defensiva (SILVA *et al*, 2010). O teste de arremesso buscou medir a velocidade que os estudantes com deficiência visual lançavam a bola nas distâncias de 09 (nove) e 12 (doze) metros, enquanto o teste de ação defensiva quantificou o número de defesas realizadas e os locais onde elas aconteceram dentre 10 (dez) arremessos efetuados. Os testes foram aplicados pelo grupo de monitores no ginásio da escola da rede pública, o qual foi demarcado de acordo com a quadra de jogo de goalball (pistas táteis), e desenvolveram-se da seguinte forma:

1) arremesso (GORLA *et al*, 2009b): cada estudante com deficiência visual era levado ao espaço de jogo e posicionado pelo monitor para ficar ajoelhado. O joelho correspondente ao braço de arremesso ficava posicionado atrás, em contato com o solo, enquanto a perna contrária ao braço de arremesso ficava disposta a frente em um ângulo de 90° com o solo. Em seguida, o estudante com deficiência visual deveria movimentar o braço para trás e realizar o arremesso, sendo contabilizado o tempo que a bola percorria a distância estabelecida, utilizando-se para isso recursos como: gravação de vídeo e cronômetro;

2) ação defensiva (SILVA *et al*, 2010): o teste consistia em defender o máximo de arremessos possíveis de 05 (cinco) diferentes posições, os quais somente o monitor arremessador, sob a orientação de quem estava no registro das ações, tinha conhecimento, sendo elas: paralelas direita e esquerda, centro e diagonais direita e esquerda. Eram realizados 02 (dois) lançamentos em cada uma dessas posições, em caso de defesa era assinalado na ficha e em caso de gol, os 02 (dois) monitores responsáveis pela sinalização do gol indicavam o resultado da ação para os monitores arremessador e registrador. Informa-se que 04 (quatro) monitores colaboraram nesse teste, com as funções: 01 (um) arremessador, 01 (um) registrador dos locais de arremesso e defesa, e 02 (dois) assinalando a marcação ou não do gol.

Por fim, foram realizados os testes de **capacidade física**, sendo eles:

1) potência anaeróbia (GUEDES; GUEDES, 2006): em que os estudantes com deficiência visual percorreram ao redor da quadra de futsal do ginásio, com auxílio de 01 (um) monitor como guia, a maior distância possível no período de 40 (quarenta) segundos. O ginásio, especificamente a quadra de futsal, foi medido (largura e comprimento) e demarcado em pontos específicos para facilitar o cálculo da distância percorrida ao término do tempo. O início e o final do tempo foram sinalizados por meio de um sinal sonoro, em que ao ouvi-lo os estudantes deveriam ficar imóveis para que fosse possível fazer uma medida mais fidedigna;

2) resistência aeróbia (COOPER, 1968): em que os estudantes com deficiência visual tinham que percorrer a maior distância possível ao redor da quadra dentro do período de 12 (doze) minutos. Assim como no teste no anterior, foi necessária a participação do monitor como guia;

3) potência muscular de membros inferiores (JOHNSON; NELSON, 1979): os estudantes com deficiência visual tinham que saltar para frente a maior distância possível com auxílio da flexão dos membros inferiores e impulso dos membros superiores. Eram anotados quantos centímetros o estudante conseguiu saltar para frente, tendo como referência a distância entre seus calcanhares e a linha de partida para o salto;

4) força e resistência abdominal (GUEDES; GUEDES, 2006): objetivou realizar o máximo de repetições de flexão abdominal no período de 01 (um) minuto. A posição inicial do estudante era em decúbito dorsal, com os joelhos flexionados formando um ângulo de 90°, com os braços cruzados à frente do corpo e com o monitor segurando os pés do estudante. A ação consistia em elevar o tronco até tocar a altura dos joelhos e voltar para a posição inicial;

5) força e resistência de membros superiores (POLLOCK; WILMORE, 1993): consistiu em realizar o máximo de repetições corretas da flexão de membros superiores em 01 (um) minuto. O estudante com deficiência visual flexionava os cotovelos até ficar de forma paralela ao solo, mantendo os joelhos e a costas em extensão e voltava à posição inicial logo em seguida. No caso do gênero feminino o teste foi aplicado de maneira modificada, em que era possível o apoio dos joelhos sobre o solo;

6) potência de membros superiores (GAYA; GAYA, 2016): o aluno tinha que segurar a *medicine ball* junto ao peito, com os cotovelos flexionados e com as costas em contato com a parede. Lançava a bola, banhada em pó branco, o mais distante possível somente com a extensão dos membros superiores, sem deslocar as costas da parede. A distância de contato da bola com o solo era marcada por uma trena, que partia da parede até o local de primeiro toque da bola no solo;

7) velocidade (GAYA; GAYA, 2016): buscou verificar o tempo em que o estudante com deficiência visual, com auxílio do guia, percorria a distância de 20 (vinte) metros. A pista foi demarcada pelas linhas de partida e de chegada, com a última estando disposta a 20 (vinte) metros da primeira. O cronômetro era acionado ao primeiro passo do estudante a frente da linha de partida e travado quando o aluno cruzava a segunda linha, tocando pela primeira vez o solo;

8) flexibilidade (GAYA; GAYA, 2016): foi estendida uma fita métrica no solo, prendendo-a nas extremidades e no ponto 38 (trinta e oito) cm. Na marca de 38 (trinta e oito) cm desta fita foi colocado um pedaço de fita adesiva de 30 (trinta) cm em perpendicular (15 cm para cada lado). Os alunos a ser avaliados estavam descalços. Os calcanhares deveriam tocar a fita adesiva na marca dos 38 (trinta e oito) cm e estarem separados 30 (trinta) cm. Com os joelhos estendidos e as mãos sobrepostas, o avaliado inclinava-se lentamente e estendia as mãos para frente o mais distante possível. O avaliado permanecia nesta posição o tempo necessário para a distância ser anotada;

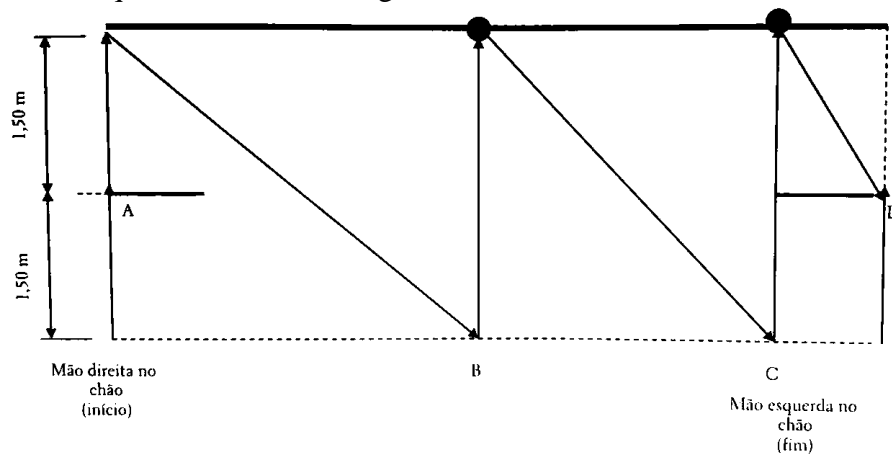
9) equilíbrio estático (GORLA; CAMPOS, 2013): o estudante com deficiência visual deveria permanecer na ponta dos pés o maior tempo possível, mantendo uma postura ereta e

estática. Foram concedidas 03 (três) tentativas, sendo anotado apenas o melhor resultado. Quanto maior o tempo, melhor o resultado;

10) equilíbrio dinâmico (NOGUEIRA; GAGLIARDI; SHIBATA, 2009): o estudante com deficiência visual tinha que caminhar descalço em uma linha de velcro com 05 (cinco) metros fixada ao solo. A ação consistia em manter o calcanhar de um pé sempre em contato com a ponta do outro pé durante o movimento. A marcha foi realizada primeiramente em deslocamento anterior (frente), sendo anotado o tempo do percurso. O cronômetro foi zerado e marcou-se o tempo de deslocamento posterior (costas). A cada vez que o estudante saía da linha ou se desequilibrava era acrescentado 01 (um) segundo ao tempo de deslocamento;

11) agilidade (MORATO; FURTADO, 2005): o estudante com deficiência visual posicionava-se agachado e de costas para a trave, com a mão direita sobre o ponto A (linha de defesa do ala direito). Após o comando verbal/sonoro, o avaliado tinha que se deslocar em direção à trave; ao tocá-la se dirigia em direção ao ponto B (linha de defesa do pivô). Na sequência, retornava em direção à trave e, ao tocá-la na linha central (marca em relevo), partia em direção ao ponto C (ponto do ala). Em seguida, retornava em direção à trave, tocando no relevo, partindo para o ponto D (linha de defesa do ala esquerdo), que deveria ser tocado com a mão esquerda, finalizando o teste. Todos os pontos deveriam ser tocados com uma das mãos. Foi cronometrado o tempo que o atleta levou para percorrer do ponto A ao ponto D. Os deslocamentos dos pontos até a trave foram realizados de costas, e os da trave até os pontos, de frente. A configuração do espaço de jogo para a realização do teste de agilidade pode ser percebida na figura 1.

Figura 1 - Esquema do Teste de Agilidade de Goalball



Fonte: MORATO; FURTADO (2005).

3.2.2. Qualidade de Vida:

A qualidade de vida é definida por Nahas (2017, p. 15) como “a percepção de bem-estar resultante de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais, modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano”. Nesse contexto, pela qualidade de vida abarcar as práticas de atividades físico-esportivas nos parâmetros individuais modificáveis citados por Nahas (2017), buscou-se investigar a influência da prática esportiva adaptada, especificamente do goalball, na qualidade de vida de pessoas com deficiência visual, considerando-se que essas relações têm sido pouco investigadas nesse público (SCHERER, 2012).

Para isso, foi aplicado o Questionário de Qualidade de Vida SF-36 - *Medical Outcomes Study 36-Item Short-Form Health Survey* (WARE JR; SHERBOURNE, 1992), traduzido e adaptado culturalmente para a Língua Portuguesa por Ciconelli (1997). O questionário SF-36 é genérico, podendo ser aplicado para avaliar a qualidade de vida em diferentes grupos populacionais, faixas etárias e condições (CICONELLI, 1997). Além disso, esse questionário tem caráter multidimensional, tendo em vista que engloba 08 (oito) domínios/dimensões (capacidade funcional, aspectos físicos, dor, estado geral de saúde, vitalidade, aspectos sociais, aspectos emocionais e saúde mental), 36 (trinta e seis) itens e 11 (onze) questões (WARE JR; GANDEK, 1994).

No projeto de extensão, todos os questionários de qualidade de vida foram aplicados individualmente, sendo administrados por um dos monitores que compuseram a equipe do projeto. O centro educacional especializado em que o projeto foi desenvolvido disponibilizou uma das salas para que fosse possível conduzir o questionário sem interrupções e interferências de outros estudantes, possibilitando assim um maior conforto e privacidade aos envolvidos. A partir disso, o monitor realizou a leitura das questões, visando oportunizar uma clara compreensão aos participantes, assim como assinalou na versão impressa do questionário as respostas dos estudantes com deficiência visual.

3.2.3. Dimensão Subjetiva dos Estudantes:

Para apreender as significações acerca da deficiência e da prática de goalball foi utilizada uma entrevista semiestruturada, a qual possibilita ao pesquisador uma maior adaptação devido as suas características mais flexíveis (LUDKE; ANDRÉ, 2013). A entrevista continha pontos relacionados à significação do estudante sobre sua deficiência, sua participação nas atividades escolares e no centro educacional, com ênfase nas aulas de Educação Física e na prática esportiva do goalball.

Já em relação à análise dos dados obtidos por meio da entrevista, utilizaram-se os Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006; 2013), que consistem em identificar pré-indicadores a partir de leituras flutuantes no material transcrito da entrevista, tendo em conta os aspectos de repetição, ênfase e/ou contradição nas falas dos estudantes. Em seguida, os indicadores são formados com base na aglutinação dos pré-indicadores por aspectos de similaridade, complementariedade ou contraposição. Por fim, os Núcleos de Significações são constituídos a partir da articulação dos indicadores.

No projeto, as entrevistas foram realizadas somente por um dos monitores e gravadas no local das atividades práticas da modalidade, especificamente o ginásio da escola da rede pública, e tiveram duração média de 30 (trinta) minutos.

3.3. Proposta de Iniciação ao Goalball:

As informações obtidas nas etapas supracitadas subsidiaram o delineamento da proposta de iniciação, possibilitando-se a organização das intervenções subsequentes com base nas maiores necessidades dos participantes. Além disso, foram consideradas as possibilidades de ensino do goalball já expostas na literatura (NASCIMENTO; MORATO, 2006; PATROCINIO *et al*, 2008) para compor essa proposta de iniciação.

Desse modo, a proposta contemplou atividades envolvendo a iniciação ao goalball para os estudantes com deficiência visual, sendo organizada em 12 (doze) aulas que ocorriam uma vez a cada semana no período de 05/05/2017 a 21/07/2017, com cada uma das aulas tendo duração de 2h30min. As aulas foram ordenadas a partir de uma sequência pedagógica, de maneira que cada conteúdo contemplado em uma sessão se articulava com a seguinte, dando um caráter contínuo e formativo, evoluindo assim dos conhecimentos mais simples para os mais complexos, como pode ser identificado no quadro 02.

Quadro 02 – Proposta de Iniciação ao Goalball

AULA(S)	TEMA(S)
01	Orientação e Mobilidade + Reconhecimento do Espaço de Jogo
02	Imagem Corporal e Percepção Sensorial
03 e 04	Regras e Princípios da Modalidade
05 e 06	Capacidades Físicas
07 e 08	Habilidades Motoras + Fundamentos da Modalidade
09 e 10	Ações Táticas
11 e 12	Festival de Goalball

Fonte: Autoria Própria (2020).

Aula 01 - Orientação e Mobilidade + Reconhecimento do Espaço de Jogo:

As ações propostas tiveram início com o conteúdo Orientação e Mobilidade, além do reconhecimento do espaço de jogo, os quais são relevantes no contexto em questão pela necessidade das pessoas com deficiência visual em ter autonomia e segurança ao se deslocar no espaço. Do mesmo modo, buscou-se propiciar a identificação dos pontos na quadra de jogo de goalball, podendo vir a facilitar a aprendizagem dos conteúdos posteriores e da modalidade em si.

Nesse contexto, os alunos com deficiência visual chegaram até o local das atividades (escola da rede pública) e foram conduzidos pelos monitores desde a entrada da escola por todo o espaço, sendo apresentado cada setor, assim como os riscos e os pontos de referência, buscando possibilitar a criação de um mapa mental pelos alunos para os deslocamentos na escola com independência. A mesma ação foi realizada no ginásio, iniciando-se pelos pontos externos à quadra de jogo e finalizando no reconhecimento da quadra de goalball.

Destaca-se que, embora alguns estudantes com deficiência visual já tivessem experiência prévia com a modalidade, a quadra de jogo que eles conheciam era diferente da oficial, pois alguns pontos existentes não eram demarcados no solo no contato que eles tiveram anteriormente. Portanto, fez-se necessário um novo reconhecimento do espaço de jogo, em que, inicialmente, os estudantes se deslocaram pela quadra sem auxílio dos monitores, buscando identificar cada marcação da quadra, para em seguida ocorrer a apresentação das linhas táteis desconhecidas pelos alunos com deficiência, situando os estudantes acerca de cada posição da quadra.

Por fim, foi realizado o jogo de goalball em seu modo formal por 20 (vinte) minutos, dando ênfase à apropriação dos conteúdos trabalhados nas atividades anteriores (orientação espacial e identificação dos pontos de referência). Esse fator foi repetido em todas as sessões, pois se percebeu ainda nas avaliações diagnósticas que os estudantes precisavam desse contato com o jogo formal, principalmente enquanto motivador para continuar engajados nas ações do projeto.

Aula 02 – Imagem Corporal e Percepção Sensorial:

No segundo encontro foram explorados os conteúdos imagem corporal e percepção sensorial, com o intuito de explorar os sentidos remanescentes do grupo, principalmente o tato e a audição, que são os mais utilizados na prática do goalball em conjunto com a orientação espacial (SCHERER; RODRIGUES; FERNANDES, 2011). Além do mais, os conhecimentos acerca do próprio corpo e das noções de lateralidade são componentes fundamentais para o

goalball, justificando assim o papel imprescindível do referido conteúdo no desenvolvimento dos sujeitos, vindo a melhorar as autopercepções dos participantes.

A aula foi iniciada com um alongamento, em que um dos estudantes com deficiência se prontificou para conduzir as ações, de modo que os monitores puderam verificar se os demais estudantes conseguiam executar os movimentos solicitados a partir das orientações. De maneira geral, os estudantes com deficiência visual conseguiram realizar as ações, principalmente pela experiência prévia com a modalidade, adquirida devido ao cotidiano de treinamentos deles. Contudo, quando era solicitada a realização de uma ação nova ou desconhecida pelos alunos, os monitores percebiam algumas limitações quanto às questões de lateralidade (reconhecimento de direita e esquerda), assim como dificuldades no reconhecimento das posições corporais (compreensão da disposição do corpo em interação com o espaço).

O que foi percebido com o contato prático nas intervenções do projeto de extensão, também tem sido discutido na literatura. Cervantes e Porreta (2010) e Fonseca (2010) apontaram que os aspectos relacionados à lateralidade e à noção corporal de pessoas com deficiência visual, geralmente, apresentam atrasos, principalmente pela falta de experiências e oportunidades motoras voltadas a esses conteúdos.

Voltado à percepção sensorial, executou-se uma atividade destinada ao reconhecimento de sons no ambiente do ginásio, em que os estudantes foram vendados e divididos em pares, com cada par definindo um som específico diferente dos sons das outras duplas. As duplas foram separadas e dispostas no ginásio e o objetivo da atividade consistiu em encontrar o par somente com os sons combinados. A atividade buscou combinar a orientação espacial com a percepção auditiva, conteúdos explorados nas ações de goalball, em que se fez necessário identificar o som da dupla em meio a outros sons dispostos ao mesmo tempo.

Além disso, na mesma aula foi realizada uma atividade de percepção sensorial unida às ações da modalidade, especialmente o passe, o arremesso, a recepção e a defesa. Os estudantes com deficiência visual foram dispostos no ginásio, de forma que um deles tinha a posse da bola. Um dos estudantes sem a bola executava um sinal sonoro (bater palmas) e quem tinha a posse da bola deveria passá-la ou lançá-la em direção ao estímulo auditivo. A bola, após lançada ou passada, deveria ser recepcionada pelo outro aluno. Com o decorrer da ação, outra bola foi acrescentada, buscando-se aumentar a complexidade da atividade.

A partir do terceiro encontro até o último as ações foram direcionadas à prática específica do goalball, com os conteúdos abordados sendo inerentes ao jogo.

No que se refere ao conhecimento das regras e dos princípios da modalidade, tema das aulas 03 e 04, foram utilizadas como estratégias os jogos reduzidos, pré-desportivos e formais, propostos por Galatti (2002). Além disso, utilizou-se a metodologia situacional, que é caracterizada pela aproximação das atividades com as situações reais de jogo, de maneira que se busca um processo de ensino relacionado ao contexto particular do esporte (PINHO *et al.*, 2010).

Desse modo, nos jogos reduzidos (2x2, 1x1 ou 2x1) e nos pré-desportivos, as regras básicas foram dispostas de modo mais simples, incluindo maiores informações e progredindo em dificuldade a partir da compreensão dos estudantes com deficiência visual. Assim, à medida que o jogo ia se aproximando de seu modo formal, mais regras eram incorporadas nas atividades.

Especificamente em relação ao jogo formal, algumas penalidades individuais e coletivas referentes ao goalball foram aplicadas somente a partir da sua infração, visando contextualizar esses pontos dentro do espaço de jogo, tendo em vista que se esses aspectos fossem ensinados de modo dissociado ao jogo, os estudantes com deficiência visual poderiam apresentar dificuldades em seu entendimento.

Nessa perspectiva, em algumas situações foram criadas atividades que se executadas incorretamente induziriam à configuração das penalidades, o que enriqueceu o processo de compreensão do jogo por meio dos estudantes. De forma geral, acredita-se que essa metodologia referida anteriormente possibilitou um conhecimento mais aprofundado da modalidade por parte dos estudantes com deficiência visual, sendo entendida como uma estratégia relevante no processo de ensino-aprendizagem da modalidade esportiva adaptada (goalball).

Aulas 05 e 06 – Capacidades Físicas:

A prática do goalball pode apresentar enquanto objetivos o desenvolvimento da aptidão física e das capacidades físicas (TOSIM *et al.*, 2008), tendo sido uma das finalidades do projeto de extensão. A avaliação da aptidão física em pessoas com deficiência visual, sobretudo em escolares, tem ocorrido de modo ainda incipiente (TAVARES; SILVA; FUMES, 2019), muito embora o conhecimento referente às capacidades físicas de jogadores de goalball em alto nível venha se expandindo (ALVES; FURTADO; MORATO, 2020).

Portanto, tendo em vista a relevância das ações de mensuração e a evolução das capacidades físicas para o goalball, dividiram-se as variáveis da aptidão física voltada à saúde e ao desempenho de acordo com sua possibilidade de execução de forma isolada ou dentro do jogo de goalball, sendo configuradas como a quinta e a sexta aulas, respectivamente.

Sendo assim, as variáveis de potência de membros inferiores, força e resistência abdominal, potência e resistência de membros superiores, flexibilidade e equilíbrio foram desenvolvidas na quinta aula, enquanto as variáveis de potência anaeróbia, resistência aeróbia, velocidade e agilidade foram realizadas na sexta aula.

Iniciando-se pela quinta aula e considerando-se o contexto de realização das ações de forma isolada, propôs-se uma série de circuitos motores englobando as capacidades físicas, com cada estação do circuito tendo ênfase em uma das variáveis. Desse modo, cada monitor ficou responsável por uma das 07 (sete) estações, auxiliando os estudantes com deficiência visual no desempenho das práticas corporais.

Cada estação durou 05 (cinco) minutos. Nesse período, os estudantes com deficiência visual realizaram atividades iguais aos testes apontados na seção 3.2.1, sendo apresentadas algumas variações dessas atividades. Ao final do tempo, os estudantes eram conduzidos pelos monitores para outra estação, de forma a vivenciar todas as atividades elaboradas.

Já na sexta aula, a capacidade física agilidade, por ter seu desenvolvimento na quadra de goalball, foi realizada de forma semelhante ao teste, sendo acompanhada pelos monitores. Em relação à velocidade e à potência anaeróbia, estas foram desempenhadas na quadra de goalball, especialmente com deslocamentos velozes assistidos pelos monitores. E por fim, a resistência aeróbia teve seu desempenho no jogo de goalball, principalmente por meio de jogos reduzidos, os quais exigiam uma maior participação dos estudantes com deficiência visual em um mesmo período de tempo, demandando maiores níveis de consumo energético.

Aulas 07 e 08 – Habilidades Motoras + Fundamentos da Modalidade:

Tendo em vista que uma mesma temática foi designada para 02 (duas) aulas, escolheu-se abordá-la em único tópico, dividindo-a em ações ofensivas, manejo da bola e execução do arremesso, e defensivas, posição de expectativa, deslocamento do corpo e posição de impacto/interceptação do arremesso (NASCIMENTO; CAMARGO, 2012a). As ações ofensivas aconteceram na aula 07, enquanto as ações defensivas na aula 08.

As ações ofensivas são caracterizadas por Morato, Gomes e Almeida (2012) como o controle da bola, a preparação do ataque e a efetivação do arremesso, em que um dos jogadores arremessa a bola com as mãos em direção ao alvo adversário, ao mesmo tempo em

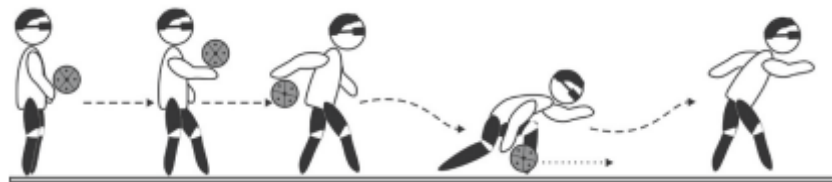
que as ações defensivas consistem em executar o balanço defensivo, identificar a trajetória da bola e buscar a interceptação do arremesso, evitando assim que ocorra o gol.

A escolha de se trabalhar com essa temática se deu após observações feitas em momentos distintos de prática, nos quais se percebeu que, apesar da maioria dos participantes do projeto de extensão praticar a modalidade há certo tempo, muitos desconheciam as técnicas referentes às ações ofensivas e defensivas nas situações de jogo.

Iniciou-se o ensino das ações ofensivas apresentando aos estudantes com deficiência visual as diferentes técnicas de arremesso da bola em direção ao alvo, que são:

1) **arremesso frontal** (estático ou com progressão) – (figura 2), em que a bola é segurada com uma das mãos e lançada com um movimento dos braços para trás seguido de um rápido movimento de extensão para frente, podendo ser executado com o corpo parado (estático) ou com deslocamento do corpo para frente (progressão) (NASCIMENTO; CAMARGO, 2012a; NASCIMENTO; MORATO, 2006; OLIVEIRA FILHO *et al*, 2008);

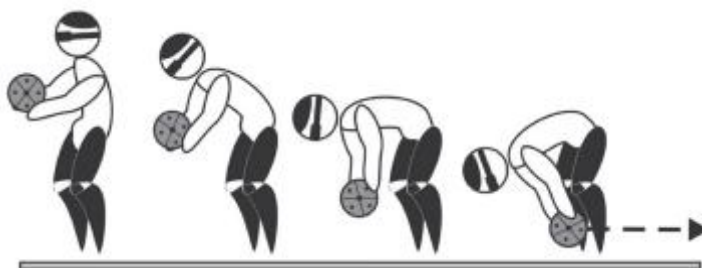
Figura 2 - Arremesso Frontal com Progressão



Fonte: NASCIMENTO; CAMARGO (2012a).

2) **arremesso por baixo das pernas** (figura 3), em que quem vai lançar fica de costas para a trave adversária, podendo deslocar-se ou não em direção à trave da equipe oponente e jogar a bola com as duas mãos por entre as pernas (NASCIMENTO; CAMARGO, 2012a; NASCIMENTO; MORATO, 2006; OLIVEIRA FILHO *et al*, 2008);

Figura 3 - Arremesso por Baixo das Pernas

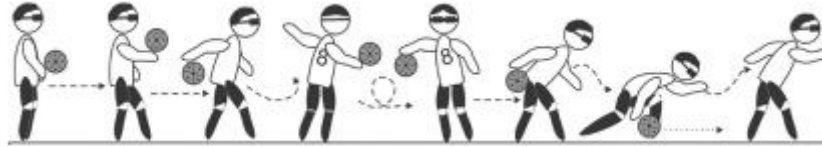


Fonte: NASCIMENTO; CAMARGO (2012a).

3) **arremesso com giro** (figura 4), no qual a bola é segurada com uma das mãos e o corpo é direcionado para frente em direção à trave adversária, seguido de um giro de 360°

com o lançamento da bola (NASCIMENTO; CAMARGO, 2012a; NASCIMENTO; MORATO, 2006; OLIVEIRA FILHO *et al*, 2008).

Figura 4 - Arremesso com Giro



Fonte: NASCIMENTO; CAMARGO (2012a).

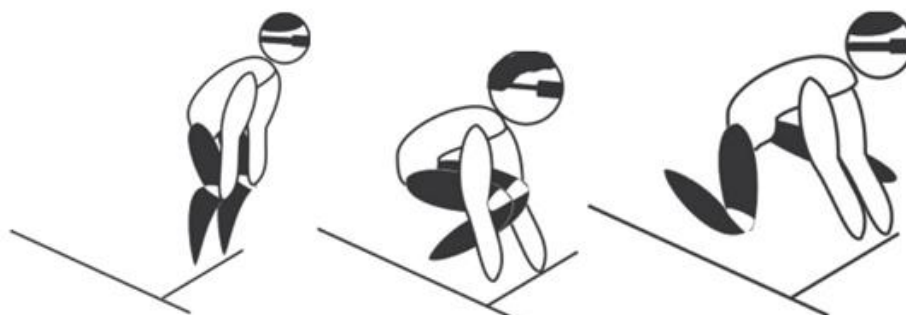
Na tentativa de se explorar a consciência corporal no manejo do implemento (bola), utilizou-se como estratégia de ensino o uso de bolas de pesos e tamanhos variados para a execução dos diferentes tipos de arremesso, de modo que os estudantes com deficiência visual pudessem perceber as diferenças presentes ao realizar as ações, e com isso, desenvolver um maior controle na execução das mesmas.

Especificamente em relação ao ensino dos arremessos, definiu-se como estratégia o uso de exercícios analíticos e sincronizados, nos quais se buscou corrigir as ações técnicas por meio de exercícios individuais e isolados (analítico), e posteriormente, aprimorar a ação com 02 (dois) ou mais fundamentos em um mesmo exercício (sincronizado), isto é, ação ofensiva unida à ação defensiva (GALATTI, 2002).

No que se referem às ações defensivas, estas são divididas em posição de expectativa, deslocamento do corpo e posição de impacto/interceptação da bola (NASCIMENTO; CAMARGO, 2012a; OLIVEIRA FILHO *et al*, 2008). Essas ações foram ensinadas de modo conjunto, nas situações de jogo propriamente ditas.

1) **posições de expectativa** (figura 5): são aquelas em que os praticantes da modalidade aguardam o lançamento da bola pela equipe adversária, podendo ficar em pé, agachados ou ajoelhados (com os dois joelhos no chão ou com um joelho ao chão e com a perna lateralizada) (NASCIMENTO; CAMARGO, 2012a; OLIVEIRA FILHO *et al*, 2008);

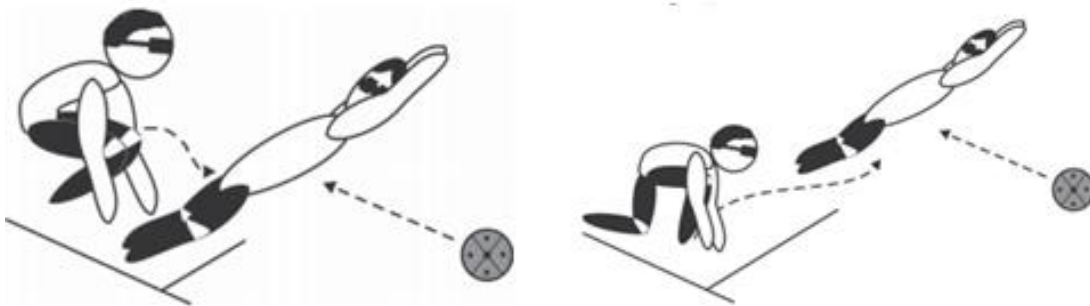
Figura 5 - Posições de Expectativa em Pé, Agachada e Ajoelhada com a Perna Lateralizada (Respectivamente)



Fonte: NASCIMENTO; CAMARGO (2012a).

2) **deslocamento do corpo** (figura 6): é a forma como o praticante se move ou não para entrar em contato com a bola, dividindo-se em: sem deslocamento lateral e com deslocamento lateral com impulsão do braço ou da perna (NASCIMENTO; CAMARGO, 2012a);

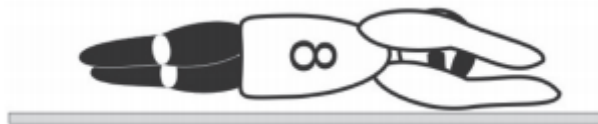
Figura 6 - Sem Deslocamento do Corpo e Deslocamento Lateral com Impulsão da Perna (Respectivamente)



Fonte: NASCIMENTO; CAMARGO (2012a).

3) **posição de impacto/interceptação da bola** (figura 7): a posição de impacto ou contato com a bola pode ser em pé, agachado ou deitado (OLIVEIRA FILHO *et al*, 2008).

Figura 7 - Posição de Impacto Deitada



Fonte: NASCIMENTO; CAMARGO (2012a).

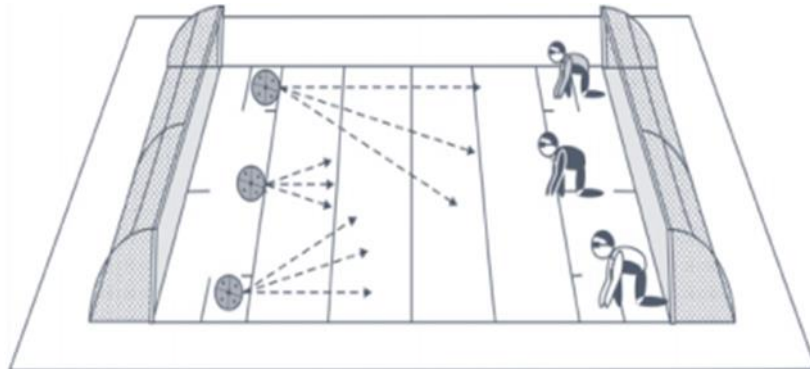
Essas ações, como citado anteriormente, foram desenvolvidas em meio aos jogos formais da modalidade, possibilitando a experimentação de diferentes formas de se executar uma ação distinta com o mesmo fim, que é a defesa da bola. Após a experimentação e a definição das formas de ação defensiva em que os estudantes com deficiência visual melhor se adaptaram, buscou-se aprimorar as noções técnicas a partir da correção dos padrões de movimento.

Aulas 09 e 10 – Ações Táticas:

Assim como o tópico anterior, habilidades motoras e fundamentos da modalidade, as ações táticas subdividiram-se em ações ofensivas e defensivas, as quais foram trabalhadas em conjunto nas duas aulas (aula 09 e aula 10). A ação tática defensiva explorada foi o sistema de defesa fixa simples, enquanto as ações táticas ofensivas foram o direcionamento dos arremessos, o tipo de bola desejado e as ações de contra-ataque.

De acordo com Nascimento e Camargo (2012b), o sistema de defesa fixa simples (figura 8) é o mais indicado para jogadores iniciantes ou sem contato prévio com os sistemas de jogo, pois todos os sistemas subsequentes partem desse. É caracterizado pelo pivô em posição centralizada, um pouco a frente dos alas, e os alas posicionados em suas linhas respectivas (laterais) (NASCIMENTO; CAMARGO, 2012b).

Figura 8 - Sistema de Defesa Fixa Simples

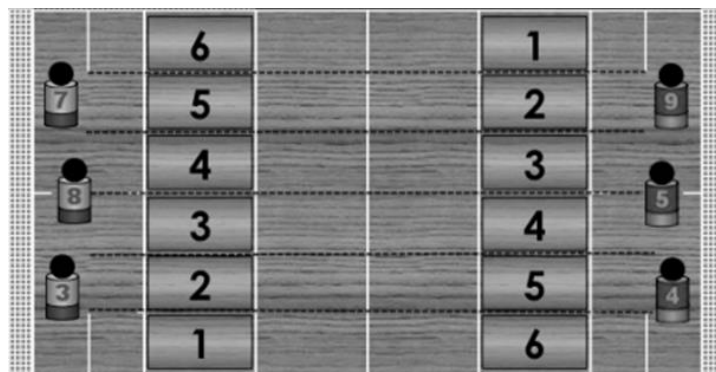


Fonte: NASCIMENTO; CAMARGO (2012b).

No projeto, esse sistema foi ensinado pelo posicionamento dos estudantes com deficiência visual nos locais que o compõem, de modo a propiciar a criação de um mapa mental quanto à posição que eles deveriam ficar nos momentos de jogo. Em seguida, o sistema foi testado a partir do jogo formal da modalidade.

Quanto às ações táticas ofensivas, foi ensinado aos participantes que as posições em que as bolas são lançadas são numeradas de 01 (um) a 06 (seis) (figura 9), assim como as posições em que ocorre o maior número de gols na modalidade. Tal fator possibilitou que os estudantes com deficiência visual passassem a lançar as bolas de acordo com o conhecimento da modalidade, e não mais de forma aleatória, enriquecendo o repertório tático dos mesmos.

Figura 9 - Estratégia de Direcionamento dos Arremessos



Fonte: MORATO (2012).

Além disso, a maior parte dos lançamentos da bola realizados por eles era de modo rasteiro e sem efeito, o que facilita a defesa pelos oponentes. Para qualificar o seu desempenho foram ensinados os lançamentos quicados e com efeito, os quais variam as formas de lançar e, conseqüentemente, diminuem a previsibilidade das posições e ações de arremesso, diminuindo o índice defensivo dos adversários.

Finalmente, percebeu-se que a maioria dos estudantes realizava as ações de contra-ataque na maior parte do jogo, ou seja, lançava a bola antes da defesa do oponente ter se reorganizado (OLIVEIRA FILHO *et al*, 2008), não conseguindo atingir o alvo. Assim, foi ensinado que os participantes do projeto deveriam ter o controle da bola, deslocar-se em direção a sua própria trave para localizar-se no espaço, para posteriormente executar o lançamento da bola, buscando assim criar uma estratégia quanto ao direcionamento dos arremessos e o tipo de bola a ser lançado.

Aulas 11 e 12 – Festival de Goalball:

O jogo de goalball foi definido como as últimas aulas na tentativa de se colocar em prática todo o conhecimento apreendido no decorrer das ações do projeto, e também com a finalidade de se fazer um formato de festival, em que os participantes pudessem sentir como ocorre a prática da modalidade nos moldes competitivos.

Ressalta-se que tal fator foi de extrema relevância para os estudantes com deficiência visual, pelo fato de proporcionar para alguns deles um momento ainda não vivenciado e pela oportunidade de se jogar a modalidade por um período de tempo maior, tendo em vista que nas outras intervenções era destinado cerca de 20 (vinte) minutos para essa atividade.

Foi o último contato dos participantes no projeto com o jogo de goalball, considerando-se que as ações subseqüentes foram destinadas à reavaliação e devolutiva dos pontos identificados nas avaliações.

3.4. Reavaliação:

Essa etapa estava prevista para o final do projeto e tinha como intuito reaplicar os testes, questionários e entrevistas administradas inicialmente, buscando-se verificar os impactos da prática de goalball nas variáveis físico-motoras, na qualidade de vida e na dimensão subjetiva dos estudantes com deficiência visual.

No entanto, devido ao calendário do centro especializado e da escola da rede pública, as ações de reavaliação foram inviabilizadas, mesmo com a extensão da vigência do projeto de extensão pela instituição de Educação Superior. Além disso, os horários disponíveis para

as atividades do projeto foram limitados pelo centro especializado, de modo que não se adequava aos horários disponíveis do ginásio da escola da rede pública.

Ainda, o transporte dos estudantes para outros locais com possibilidade de prática, como por exemplo, a universidade, não era possível, o que fez com que as ações fossem encerradas sem a verificação dos desencadeamentos do goalball nos aspectos referidos.

3.5. Devolutiva para os Estudantes:

Evidencia-se que após a análise dos dados da avaliação diagnóstica, ao final do projeto, os monitores retornaram ao campo de intervenção e apresentaram os dados individualmente para cada estudante com deficiência visual, tanto os referentes às habilidades motoras e capacidades físicas, quanto à qualidade de vida. Esses resultados foram acompanhados de parâmetros e orientações para a saúde dos praticantes, na tentativa de manter ou evoluir os dados satisfatórios e elevar os dados insatisfatórios em relação aos padrões de referência.

Tal aspecto foi de notada relevância para os estudantes, sendo um fator motivador para continuar na prática sistemática de atividades físico-esportivas, considerando-se os benefícios que essas desencadeiam na vida dos participantes. Para além disso, por meio da devolutiva, os próprios estudantes relataram evoluções em suas autopercepções de saúde, perpassando pelos aspectos físicos até às relações socioafetivas.

3.6. Produções Acadêmico-Científicas:

Considera-se como importante apresentar as produções acadêmico-científicas advindas do projeto de extensão pela relevância de se destacar a indissociabilidade da tríade ensino, pesquisa e extensão que baliza as instituições de Educação Superior e que são fundantes do processo formativo do universitário. Nesse sentido, os conhecimentos produzidos na extensão foram compartilhados por meio de atividades de pesquisa (Trabalhos de Conclusão de Curso, resumos e apresentações de trabalho) e de ensino (Disciplina de Atividade Física Adaptada e cursos de goalball para alunos da Educação Básica e da Educação Superior).

Sendo assim, as produções serão expostas a partir do ano de 2016 até atualmente, sendo exibidos os formatos dos trabalhos e o nível de classificação dos eventos:

- 2016:
 - Resumo expandido descrevendo as ações do projeto de extensão em um evento de nível internacional;

- Oficina sobre os fundamentos teóricos e práticos do goalball para estudantes do curso de Educação Física de uma universidade pública da capital nordestina em que o projeto foi desenvolvido;
- Curso de curta duração sobre os fundamentos teóricos e práticos do goalball ofertado para a comunidade acadêmica da referida instituição de Educação Superior.
- 2017:
 - Resumo expandido sobre as vivências de um aluno com deficiência visual participante do projeto de extensão nas aulas de Educação Física em um evento regional;
 - Resumo acerca dos esportes adaptados para pessoas com deficiência visual, com foco nas atividades desenvolvidas no projeto em um evento internacional na área da Atividade Física Adaptada;
 - Apresentação de trabalho sobre as percepções de saúde dos estudantes com deficiência visual praticantes de goalball em um evento local;
 - Curso de curta duração ministrado em evento regional sobre o ensino do goalball no contexto escolar.
- 2018:
 - Trabalho de Conclusão de Curso voltado à análise da qualidade de vida de estudantes com deficiência visual praticantes de goalball em relação ao nível de escolaridade.
- 2019:
 - Resumo expandido sobre a aptidão física dos estudantes com deficiência visual praticantes de goalball em um evento internacional referente aos Esportes Paralímpicos no contexto escolar. Destaca-se que esse trabalho foi premiado entre os 10 melhores do evento;
 - Resumo expandido sobre as significações constituídas por um aluno com deficiência visual acerca da prática de goalball em evento nacional na área da Atividade Física Adaptada;

- Resumo relacionado ao estado geral de saúde de pessoas com deficiência visual praticantes de goalball em um evento internacional na área da Atividade Física Adaptada;
 - Resumo sobre as percepções de saúde dos estudantes com deficiência visual praticantes de goalball em um evento internacional.
- 2020:
 - O Trabalho de Conclusão de Curso atual, que se refere a um relato de experiência sobre as ações do projeto de extensão e uma proposta de iniciação ao goalball para pessoas com deficiência visual.

3.7. Reflexões Acerca da Extensão Universitária no Processo Formativo Inicial em Educação Física:

Muito se fala sobre a importância do envolvimento de discentes em processo de formação inicial com as atividades de ensino, pesquisa e extensão propostas pelos cursos de Educação Superior, as quais devem ser exploradas para além das disciplinas da matriz curricular obrigatória, tendo como intuito ampliar as experiências e os conhecimentos durante o processo formativo.

Assim, diante da tríade preconizada e que baliza a formação no contexto universitário, acredita-se que a extensão tem papel relevante na promoção de experiências diversificadas e, ao mesmo tempo, específicas em relação ao objeto de estudo, tendo em vista que o discente atua efetivamente, aplicando seus saberes teóricos apreendidos e buscando solucionar e/ou contribuir com a realidade em que se está intervindo, instrumentalizando assim sua prática docente futura e construindo-se enquanto profissional. Nesse mesmo contexto, Silva, Campani e Negreiros (2020) compreendem que a extensão estabelece uma relação dialógica entre universidade e sociedade, propiciando ao discente em formação a ressignificação dos conhecimentos obtidos por meio do currículo.

Dessa maneira, recomenda-se que a partir de um dado momento do processo formativo inicial, o acadêmico se permita vivenciar a extensão e, com isso, ter uma ótica diferenciada e rica em possibilidades que não são ofertadas nas disciplinas, em decorrência das particularidades e carga horária limitada das mesmas.

Acredita-se que a curricularização da extensão, que prevê o direcionamento de ao menos 10% (dez por cento) da carga horária total do curso para atividades extensionistas (BRASIL, 2014), poderá criar maiores espaços de discussão, promoção e desenvolvimento de

projetos e programas voltados às diferentes temáticas, como a Atividade Motora Adaptada, ofertando ao alunado experiências que possam refletir em seu processo de formação inicial ante as lacunas referentes às oportunidades práticas de ensino ao público com deficiência.

Considerando o exposto e direcionando-se ao projeto de extensão de goalball, o envolvimento da discente com as ações se deu logo no período inicial do curso de Educação Física - Licenciatura, por meio do ingresso em um grupo de estudos sobre Atividade Motora e Esporte Adaptado. Tal fator ocorreu devido às experiências anteriores com uma modalidade esportiva adaptada, especificamente o handebol em cadeira de rodas. Destaca-se que, apesar do contato prévio com o esporte adaptado e com a pessoa com deficiência, por se tratarem de modalidades e deficiências diferentes, novas realidades e aprendizagens foram vivenciadas, o que enriqueceu a práxis pedagógica para atuar com esse público em diferentes contextos, inclusive nas práticas esportivas.

Além do mais, fez-se necessária uma flexibilidade na proposição das ações por parte da discente para atuar com os estudantes com deficiência visual, tanto no que se refere à proposição das atividades, sendo mais específica e clara na apresentação das informações para que os estudantes pudessem compreender sem dificuldades, quanto pela evolução nos conhecimentos voltados à nomenclatura, conceitos, implicações dos estudantes para a prática de atividades físicas e características da deficiência visual, os quais não se tinha domínio antes do início do projeto.

Para além disso, houve um grande enriquecimento teórico acerca dos conhecimentos específicos sobre a modalidade goalball, os quais puderam ser compreendidos a partir das ações do projeto. No mais, evidencia-se que pelo ingresso no projeto ter ocorrido no primeiro semestre da graduação e pela incipiência de carga horária destinada às atividades físico-esportivas para o público com deficiência, a discente tornou-se mais segura para propor e adaptar as atividades dos demais conteúdos da cultura corporal de movimento para os estudantes com deficiência, seja em busca da inclusão dos mesmos nas aulas de Educação Física, como para o ensino de modalidades com outras finalidades.

No entanto, é necessário demonstrar que o projeto de extensão foi marcado também por diversas dificuldades, as quais comprometeram a efetivação de uma das etapas do projeto, a reavaliação, que permitiria a identificação dos impactos referentes à proposta de iniciação ao goalball nas variáveis avaliadas inicialmente. Tal situação atribui-se ao centro educacional especializado, que limitou a atuação dos monitores e, conseqüentemente, acarretou em atrasos no desenvolvimento do projeto.

Nesse sentido, enfatiza-se a relevância da criação de espaços para além dos centros e instituições especializadas, de modo que os projetos de extensão como o proposto possam ser efetivados integralmente, sem impedimentos, proporcionando uma prática mais organizada e direcionada para o público com deficiência, uma vez que a tentativa de se garantir a prática em espaços já existentes foi comprometida, mesmo com o êxito pelo esforço do grupo de monitores.

De modo geral, por meio do projeto de extensão e, conseqüentemente, pelo esporte adaptado foi possibilitado um contato mais concreto com a pessoa com deficiência, e com isso, vários conhecimentos foram apreendidos. Por esses saberes terem sido propiciados no início do processo formativo, as ações subseqüentes da discente foram direcionadas para o aprofundamento dos conhecimentos acerca da temática, o que se fez de grande valia para a definição do campo de atuação enquanto profissional (Atividade Física/Educação Física para Pessoas com Deficiência).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou descrever as ações de um projeto de extensão relacionadas à análise da prática de goalball em diferentes dimensões de estudantes com deficiência visual, enfatizando a apresentação de uma proposta de iniciação ao goalball para esse público.

Tais ações foram elencadas a partir de 06 (seis) pontos principais que nortearam e forneceram parâmetros para a construção deste trabalho, sendo eles: reconhecimento da realidade local, avaliação diagnóstica, proposta de iniciação ao goalball, reavaliação, devolutiva para os estudantes e produções acadêmico-científicas.

Dito isto, o desenvolvimento do projeto de extensão possibilitou a concretização de ações esportivas adaptadas, especificamente voltadas ao goalball, direcionadas para os estudantes com deficiência visual, uma vez que se constatou uma incipiência de ações com modalidades adaptadas no território de execução do projeto.

Considerando o papel significativo do projeto de extensão como agente de promoção e efetivação de práticas voltadas para estudantes com deficiência visual, buscou-se ainda criar um espaço que ultrapassasse os muros do centro educacional especializado, assim como, que considerasse as especificidades de cada um dos estudantes para além da deficiência visual.

Para tanto, a avaliação diagnóstica foi uma ferramenta indispensável que possibilitou a caracterização do grupo e forneceu elementos essenciais para a elaboração da proposta de iniciação ao goalball, a qual, além de considerar as especificidades e as capacidades do

público em seus aspectos mais amplos e particulares, desencadeou benefícios relatados pelos próprios participantes.

No que se refere ao processo de intervenção, deparou-se com um cenário muito próximo ao já mencionado na literatura, repleto de adversidades para a consolidação do esporte adaptado em questão, sejam elas relacionadas ao espaço, materiais, horários, transportes, entre outros. Observou-se ainda a ausência de conhecimentos específicos do goalball por parte dos estudantes com deficiência visual, apesar de a maioria desenvolver a prática em contexto competitivo muito antes de participar do projeto de extensão.

É interessante ressaltar que, por mais que a etapa de reavaliação prevista na construção do projeto não tenha sido executada, ainda assim foi possível constatar benefícios por meio de relatos dos estudantes com deficiência visual durante a devolutiva, principalmente relacionados à sensação de pertencimento a um grupo e aos aspectos gerais da saúde e da qualidade de vida.

No mais, atividades extensionistas como a referida oportunizam o contato prático com um campo de atuação pouco explorado nos currículos universitários, e pela forma como foi desenvolvido, possibilitou a articulação entre os aspectos de ensino, pela própria característica do projeto, bem como a produção de conhecimento científico por meio das pesquisas.

De maneira pessoal, a relevância do presente estudo excede os pontos anteriormente mencionados, uma vez que se refere a um projeto com 02 (dois) marcos importantes no processo de formação inicial, o que indica o início da graduação no curso de Educação Física – Licenciatura, sendo o primeiro projeto a participar, e o que encerra o ciclo por meio da construção do trabalho de conclusão de curso, tornando o processo ainda mais significativo e coerente com os caminhos percorridos durante a formação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n236/15.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

ALAGOAS. **Guia de Serviços de Alagoas V-3.0.1**. Alagoas: SEDUC, 2020. Disponível em: <http://servicos.al.gov.br/unidade-de-atendimento/centro-est-de-atend-educacional->

[especializado-para-pessoas-com-deficiencia-visual-cyro-accioly-e-cap-al](#). Acesso em: 15 jun. 2020.

ALVES, I. S.; FURTADO, O. L. P. C.; MORATO, M. P. Goalball: 74 anos de idade e quase duas décadas de ciência. In: BOULLOSA, D.; LARA, L.; ATHAYDE, P. (Org.).

Treinamento esportivo: um olhar multidisciplinar. Natal: EDUFRN, 2020. p. 65-81.

Disponível em: [http://www.cbce.org.br/upload/biblioteca/Treinamento%20esportivo%20-%20um%20olhar%20multidisciplinar%20\(Ci%C3%A4ncias%20do%20esporte.%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20do%20conhecimento%20em%2040%20anos%20de%20CBCE%20-%2020v.%2012\).pdf](http://www.cbce.org.br/upload/biblioteca/Treinamento%20esportivo%20-%20um%20olhar%20multidisciplinar%20(Ci%C3%A4ncias%20do%20esporte.%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20do%20conhecimento%20em%2040%20anos%20de%20CBCE%20-%2020v.%2012).pdf). Acesso em: 23 jul. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasília, Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 16 out. 2020.

CERVANTES, C. M.; PORRETA, D. L. Physical activity measurement among individuals with disabilities: a literature review. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Champaign, v. 27, p. 173-190, 2010. Disponível em:

<https://journals.humankinetics.com/view/journals/apaq/27/3/article-p173.xml>. Acesso em: 22 jul. 2020.

CICONELLI, R. M. **Tradução para o português e validação do questionário genérico de avaliação de qualidade de vida “Medical Outcomes Study 36-Item Short-Form Health Survey (SF-36)”**. 1997. 120 f. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1997. Disponível em:

<http://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/15360/Tese-3099.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jul. 2020.

COOPER, K. H. A Means of Assessing Maximal Oxygen Intake: Correlation Between Field and Treadmill Testing. **JAMA**, Chicago, v. 203, n. 3, p. 135-138, 1968. Disponível em:

<https://jamanetwork.com/journals/jama/article-abstract/337382>. Acesso em: 09 jul. 2020.

COSTA E SILVA, A. A. *et al.* Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 679-687, 2013. Disponível em:

https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v27n4/aop_1013.pdf. Acesso em: 24 jul. 2020.

FONSECA, V. **Manual de Observação Psicomotora: Significação Psiconeurológica dos Fatores Psicomotores**. Lisboa: Âncora Editora, 2010.

FORTUNATO, I. O relato de experiência como método de pesquisa educacional. In:

FORTUNATO, I.; SHIGUNOV NETO, A. (Org.). **Método(s) de Pesquisa em Educação**. São Paulo: Edições Hipótese, 2018. p. 37-50.

GALLATI, L. R. **Pedagogia do esporte: discutindo o processo de ensino-aprendizagem na modalidade basquetebol**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

- GAYA, A. C. A.; GAYA, A. R. **Projeto Esporte Brasil: manual de testes e avaliação**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/proesp/arquivos/manual-proesp-br-2016.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2020.
- GORLA, J. I. *et al.* Fundamentos da avaliação motora em Educação Física e Esporte Adaptado. In: GORLA, J. I.; CAMPANA, M. B.; OLIVEIRA, L. Z. (Org.). **Teste e Avaliação em Esporte Adaptado**. São Paulo: Phorte, 2009a. p. 49-60.
- GORLA, J. I. *et al.* Testes. In: GORLA, J. I.; CAMPANA, M. B.; OLIVEIRA, L. Z. (Org.). **Teste e Avaliação em Esporte Adaptado**. São Paulo: Phorte, 2009b. p. 69-130.
- GORLA, J. I.; CAMPOS, L. F. C. C. Processos de avaliação motora em Educação Física Adaptada. In: GORLA, J. I. (Org.). **Educação Física Adaptada: o passo a passo da avaliação**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 27-50.
- GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. **Manual prático para avaliação em Educação Física**. Barueri: Manole, 2006.
- JOHNSON, B. L.; NELSON, J. K. **Practical Measurements for Evaluation in Physical Education**. Minnesota: Burgess, 1979.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.
- MAUERBERG-deCASTRO, E. Medidas e avaliação em atividade física adaptada. In: MAUERBERG-deCASTRO, E. **Atividade Física Adaptada**. 2. ed. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2011. p.623-659.
- MELO, F. A. P.; FUMES, N. L. F. O esporte adaptado no Município de Maceió/AL: des/caminhos traçados pelas políticas públicas. **Revista da Sobama**, Marília, v. 14, n. 2, p. 41-48, 2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/3614>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- MORATO, M. P. **Análise do jogo de goalball: modelação e interpretação dos padrões de jogo da Paralímpiada de Pequim 2008**. 2012. 242 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275036>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- MORATO, M. P.; FURTADO, O. L. P. C. **Proposta de avaliação no goalball**. Anais do I Congresso de Ciências do Desporto. Campinas: FEF-Unicamp, 2005. Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/feff/sites/uploads/congressos/ccd2005/temalivre/m%C3%A1rcioopereiramorato.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- MORATO, M. P.; GOMES, M. S. P.; ALMEIDA, J. J. G. Os processos auto-organizacionais do goalball. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 741-760, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v34n3/v34n3a15.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

MUNSTER, M. A. V. *et al.* Goalball: uma proposta inclusiva. In: ALMEIDA, J. J. G. *et al.* (Org.). **Goalball**: invertendo o jogo da inclusão. Campinas: Autores Associados, 2008. p. 09-15.

MUNSTER, M. A. V.; ALMEIDA, J. J. G. O esporte adaptado no contexto da extensão universitária. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. (Org.). **Das Margens ao Centro**: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva. Araraquara: Junqueira&Marin, 2010. p. 457-467.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 7. ed. Florianópolis: Ed. do Autor, 2017. 362 p.

NASCIMENTO, R. O. **A ferramenta PDDE Interativo como indicador de caminhos**: relato de experiência em uma escola da rede municipal de São Paulo. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18799>. Acesso em: 12 jul. 2020.

NASCIMENTO, D. F.; CAMARGO, W. X. Decodificando o goalball para professores-técnicos de Educação Física Adaptada: fundamentos técnicos. **Cadernos de Formação RBCE**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 57-74, 2012a. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1285/763>. Acesso em: 26 jul. 2020.

NASCIMENTO, D. F.; CAMARGO, W. X. Sequenciando fundamentos táticos do goalball para professores-técnicos de Educação Física Adaptada: os sistemas de defesa. **Cadernos de Formação RBCE**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 79-95, 2012b. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1380/830>. Acesso em: 26 jul. 2020.

NASCIMENTO, D. F.; MORATO, M. P. **Goalball**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

NOGUEIRA, C. R.; GAGLIARDI, J. F. L.; SHIBATA, J. Comparação do equilíbrio estático e dinâmico entre atletas com deficiência visual, praticantes de goalball e atletismo. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Taguatinga, v. 17, n. 2, p. 1-17, 2009. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/993/941>. Acesso em: 15 jul. 2020.

OLIVEIRA FILHO, C. W. *et al.* Técnicas e táticas específicas. In: ALMEIDA, J. J. G. *et al.* (Org.). **Goalball**: invertendo o jogo da inclusão. Campinas: Autores Associados, 2008. p. 29-40.

PATROCINIO, R. M. *et al.* Estratégias de ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, J. J. G. *et al.* (Org.). **Goalball**: invertendo o jogo da inclusão. Campinas: Autores Associados, 2008. p. 41-50.

PAVEZI, M.; MAINARDES, J. História das políticas de Educação Especial no Estado de Alagoas: a importância da análise em contextos situados. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, v. 24, n. 41, p. 477-496, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/8248/pdf>. Acesso em: 19 jul. 2020.

PEDRINELLI, V. J.; VERENGUER, R. C. G. Educação Física Adaptada: introdução ao universo

de possibilidades. IN: GREGUOL, M.; COSTA, R. F. (Orgs.). **Atividade Física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 3. ed. rev. e ampl. Barueri: Manole, 2013. p. 1-29.

PINHO, S. T. *et al.* Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 580-590, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n3/a05v16n3.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

POLLOCK, M. L.; WILMORE, J. H. **Exercícios na saúde e na doença: avaliação e prescrição para prevenção e reabilitação**. São Paulo: Médica e Científica, 1993.

SCHERER, R. L. **Qualidade de vida de adultos com deficiência visual da Grande Florianópolis**. 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/99373/304286.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 jul. 2020.

SCHERER, R. L.; RODRIGUES, L. A.; FERNANDEZ, L. L. Contribuição do goalball para a orientação e mobilidade sob a percepção dos atletas de goalball. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 1-15, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/10777/10136>. Acesso em: 11 jul. 2020.

SILVA, G. P. *et al.* Tempo de reação e a eficiência do jogador de goalball na interceptação/defesa do lançamento/ataque. **Motricidade**, Santa Maria da Feira, v. 6, n. 4, p. 13-22, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/mot/v6n4/v6n4a03.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.

SILVA, R. M. G.; CAMPANI, A.; NEGREIROS, J. G. Contribuição da extensão para uma docência universitária inovadora: um estudo a partir do programa de ligas da Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú. **Revista Íbero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 2, p. 1615-1628, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13835/9343>. Acesso em: 21 jul. 2020.

TAVARES, R. V. S.; SILVA, M. N. G.; FUMES, N. L. F. Aptidão física de pessoas com deficiência visual praticantes de goalball. **Anais do Seminário Internacional Paralímpico Escolar 2019**, Aracaju, v. 2, p. 11-14, 2019. Disponível em: http://seminarioescolar.cpb.org.br/internacional/anais/anais_seminario_internacional_paralimpico_escolar_2019.pdf. Acesso em: 23 jul. 2020.

TOSIM, A. *et al.* Sistemas técnicos e táticos no goalball. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 141-148, 2008. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Editora/REMEF/Remef_7.2/Revisao_goalball.pdf. Acesso em: 24 jul. 2020.

WARE JR, J. E.; GANDEK, B. The SF-36 Health-Survey: Development and Use in Mental Health Research and the IQOLA Project. **International Journal of Mental Health**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 49-73, 1994. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00207411.1994.11449283>. Acesso em: 12 jul. 2020.

WARE JR, J. E.; SHERBOURNE, C. D. The MOS 36-Item Short-Form Health Survey (SF-36): I. Conceptual framework and item selection. **Medical Care**, [s. l.], v. 30, n. 6, p. 473-483, 1992. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/1593914/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

WINNICK, J. **Educação física e esportes adaptados**. Barueri: Manole, 2004, 552 p.